

Produção de fumo diminui 38% em 20 anos, mas ainda é a principal fonte de renda de 6 mil produtores da Região Central

D

diariosm.com.br/noticias/geral/producao_de_fumo_diminuiu_38_em_20_anos_mas_ainda_e_a_principal_fonte_de_renda_de_seis_mil_produtores_da_regiao_central.626298

Às margens de um arroio que deságua no Rio Jacuí, em Agudo, Paulo Neuenfeldt, **56 anos**, dedica os últimos meses do ano à colheita do tabaco. De sol a sol, e muitas vezes madrugada adentro, essa tem sido a rotina da família há 33 anos. **O morador da Linha Boêmia é um dos 6 mil produtores** que se dedicam à cultura na Região Central. **Apesar da queda de quase 40% na produção nos últimos 20 anos**(veja *tabela ao lado*), a fumicultura ainda é a principal fonte de renda de milhares de famílias.

O Rio Grande do Sul é o Estado que mais produz tabaco: foram 68 mil famílias dedicadas ao cultivo na última safra. Na Região Central, com 6 mil produtores, Agudo se destaca pelo número de envolvidos com o cultivo e a área plantada. **Em 2023/2024, o fumo cobriu mais de nove mil hectares de terra no município e foi sustento de 1.515 famílias, como a do seu Paulo**. O agricultor conta que planta tabaco desde que se “entende por gente”. Começou com os pais e, agora, mantém produção ao lado da esposa Rita e do filho mais novo.

– Eu planto fumo desde criança, junto com o pai e a mãe. E há 33 anos com a minha esposa e meus filhos. Não tenho o que me queixar. Nos últimos anos, o preço melhorou. **É o que dá o sustento para a família. Tudo que temos, que a gente comprou, foi através do fumo** – afirma Paulo.



Paulo começou a plantar fumo com os pais

Apesar do número expressivo, a expansão da fumicultura, registrada há 20 anos, já não se repete. Em 2003, eram mais de 8 mil famílias produtoras. Em 2023, o número mal chega aos 6 mil, o que representa uma diminuição de 25%. Já **em relação à área plantada, há uma perda de 38% – de 15 mil hectares plantados para 9,3 mil na última safra contabilizada (2023/2024).**

COMPARATIVO DA PRODUÇÃO EM 20 ANOS

Município	Nº DE FAMÍLIAS PRODUTORAS			ÁREA PLANTADA (HA)		
	Safra 2003/2004	Safra 2003/2004	Crescimento	Safra 2003/2004	Safra 2023/2024	Crescimento
Agudo	2260	1515	-32,96%	4400	2921	-33,61%
Faxinal do Soturno	220	56	-74,55%	298	58	-80,54%
Formigueiro	66	14	-78,79%	193	25	-87,05%
Ivorá	184	86	-53,26%	188	64	-65,96%
Jaguari	640	1022	59,69%	1400	1599	14,21%
Jari	310	338	9,03%	449	330	-26,50%
Júlio de Castilhos	81	27	-66,67%	90	20	-77,78%
Mata	447	587	31,32%	894	743	-16,89%
Nova Palma	553	200	-63,83%	684	159	-76,75%
Paraíso do Sul	1152	899	-21,96%	2400	1681	-29,96%
Pinhal Grande	501	315	-37,13%	640	265	-58,59%
Restinga Sêca	353	252	-28,61%	1100	641	-41,73%
Santa Maria	87	26	-70,11%	207	47	-77,29%
Santiago	90	92	2,22%	263	121	-53,99%
São João do Polêsine	14	2	-85,71%	24	2	-91,67%
São Pedro do Sul	296	162	-45,27%	497	166	-66,60%
Toropi	512	429	-16,21%	754	470	-37,67%
Total Região	8124	6022	-25,87%	15202	9312	-38,74%
Rio Grande do Sul	97270	68582	-29,49%	206450	125996	-38,97%

Fonte: Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra)

Conforme o tesoureiro da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), Fabricio Murini, há uma diminuição de famílias na produção de tabaco devido à ascensão de outras culturas como a soja e os hortifrutis. Ele explica que **o ápice da produção foi na safra de 2004/2005**. De lá para cá, ocorreram oscilações nos números.

– **A gente tem observado que não tem evoluído tanto o número de famílias**, mas temos visto aumentar a produtividade, na questão da variedade e do uso de tecnologias. Também tem aumentado a área plantada por produtor – afirma.

Plantio e colheita envolvem ano inteiro de trabalho árduo

Em 2024, um ano atípico de produção. **Paulo conta que, “por sorte”, foi um período entre safras**. As perdas foram em parte da plantação de milho e na lavoura, lavada pela água. Conforme a Afubra, poucos produtores tinham tabaco na propriedade. **Um levantamento recente aponta 1,9 mil produtores atingidos – a maioria por perdas no solo**.

Mesmo com as enchentes de maio que afetaram a rotina e a produção da família, **Paulo plantou as mudas estimadas para a safra: 100 mil em uma área de pouco mais de seis hectares.** A colheita, iniciada em setembro, dura em torno de cem dias.



Em Agudo, 1,5 mil famílias se dedicam a produção de tabaco

Na lavoura, um grupo de nove pessoas faz a colheita manualmente. **Uma a uma, as largas folhas são retiradas do pé e se encontram em trouxas** – que, por semana, podem chegar a 700. É esse apanhado, que pesa cerca de 50 quilos, que facilita o carregamento até o galpão. **As temperaturas, que beiravam os 30° no início de dezembro, não estavam nem perto dos dias mais quentes passados na lavoura.**

– Até parece fácil (a colheita), mas tenta pra tu ver – comenta um agricultor.



No galpão, o fumo fica cerca de seis dias no forno para amarelar e secar. É nessa fase que Paulo enfrenta noites com sono mais curto, já que, de duas em duas horas, precisa levantar para colocar a lenha no fogo. Na última etapa, o fumo é prensado e carregado até às fumageiras.

O trabalho não acaba com a entrega do fumo. Após, a família se dedica ao plantio de milho, uma fonte de renda extra. Essa lida árdua até levou o agricultor a pensar em trocar de cultura, mas esbarrou na falta de área:

– Já pensamos em trocar. O problema é que a gente não tem terra. Só temos 3,5 hectares e terra de cerro. Então, não tem como trocar para plantar outra cultura.



Após a colheita, o fumo é secado nos fornos

Conforme o tesoureiro da Afubra, Fabricio Murini, mais de 90% dos produtores, atualmente, não têm propriedade para cultivar soja, por exemplo, e ficam sem alternativas. Hoje, o agricultor precisaria de cinco hectares de soja para ter a mesma rentabilidade de um hectare de fumo.

– **Algumas famílias deixaram de produzir tabaco e se dedicam ao hortifruti**, por exemplo, e estão indo muito bem. Mas, se colocarmos todos para produzir isso, qual o mercado que vai absorver? **E tem a questão do preço e demanda também. O Brasil é um grande exportador de tabaco.**

Agrotóxicos, calor e futuro: as dificuldades do tabaco

Nas últimas duas décadas, estudos buscaram a resposta para a soma da fumicultura e a exposição aos agrotóxicos. Em 2014, **uma pesquisa da Universidade Federal de Pelotas (UFPe) ouviu 2,4 mil fumicultores de São Lourenço do Sul, Zona Sul**. O estudo indicou que produtores expostos aos agrotóxicos têm 88% mais chances de apresentar distúrbios psicológicos. A pesquisa foi publicada na *Neurotoxicology*, uma das principais revistas científicas especializadas no assunto.

Essa e outras literaturas científicas reconhecem os riscos à saúde. No entanto, **Fabricio Murini afirma que, nas últimas décadas, houve evoluções nesse sentido.** A primeira delas em relação à **toxicidade dos agrotóxicos.** Hoje, aqueles usados na cultura do tabaco se **classificam em “tóxico” e “pouco tóxico” – as duas últimas classes da escala.** Outro problema recorrente era a doença da folha verde, causada pelo contato direto da pele com a nicotina. Com os equipamentos de proteção individual, tem sido cada vez menos comum, como explica o representante da Afubra:

– De 2000 para cá, **evoluímos muito em equipamentos de proteção individual.** Temos feito ciclos de conscientização com os produtores. **Sempre teve aquela resistência de “ah, é calor, ou isso e aquilo”, mas hoje há consciência desse produtor.** Então, praticamente, não vemos mais a doença da folha verde que, antigamente, era tão comum por falta de proteção e orientação. E as próprias empresas, quando fecham contrato de integração, têm a obrigatoriedade de fornecer esse equipamento.

Durante a lida na lavoura, seu **Paulo comenta sobre o uso do agrotóxico. É “bem pouco”, comparado a outras culturas.** O pior, conforme ele, é carregar a máquina de 20 litros nas costas. Logo, as condições do clima para desenvolvimento das mudas e o calor exaustivo estão acima da preocupação com os insumos.

Outra inquietação, que extrapola os rumos da lavoura, é a continuidade da produção. Paulo conta que vê, nos arredores, o número de agricultores diminuindo. As condições do clima e o trabalho exaustivo, aponta ele, são os principais motivos. **Hoje, ele tem a ajuda de um dos dois filhos, o mais novo, de 21 anos.** Mas essa não é uma realidade de todas as propriedades:

– Olha, vai ser difícil (continuar com a produção). A gurizada não quer mais ficar na lavoura porque é muito judiado. Sol quente e o tempo não ajudam.